DEPOIMENTO

As mensagens e as suas interpretações

JOSÉ GUEDES PINTO MACHADO
Engenheiro Civil (I. S. T.)

Seria de estranhar que todos entendêssemos por igual a mensagem do Movimento da Junta de Salvação Nacional, porque qualquer texto mesmo escrito raras vezes é entendido unanimemente. As interpretações orientam-se normalmente pelos próprios anseios de quem as faz. Na minha frente tenho Anatole de France com cuja leitura me delicio amiudadas vezes. Agora encontro-me folheando o «Jardin des Epicures» e vejo nele bem evidenciada a circunstância referida na frase lapidar «Quand on lit un livre, on le lit comme on veut, ou le lit au plutôt on y lit ce qu'on veut». Que se verifiquem «desvios» na interpretação da mensagem é assim normal mas que a sua amplitude se mostre tal que deixem de se situar num âmbito em que uma convergência de entendimento se torne possível, isso sim é de lamentar porque há que presumir atitudes de má fé.

A liberdade democrática que foi proclamada é indiscutivelmente um denominador comum das interpretações da mensagem. Mas em termos de «bem nacional» ela não pode deixar de aceitar outros denominadores comuns. A julgar pelas necessidades efectivas do nosso País, de que todos temos consciência, tal mensagem não pode deixar de apelar para um trabalho mais afincado de todos, na diversidade dos sectores da vida nacional e particularmente naqueles que directa ou indirectamente dizem respeito ou interferem com as produções de base. Este apelo está necessariamente contido na mensagem pois as metas do progresso e prosperidade que se ambicionam alcançar exigem uma atitude de trabalho de todos e de trabalho virado para todos.

Tenha-se presente que a «dignificação do homem» ou seja o processo de progressivo afastamento das reminiscências da animalidade donde parece ter provindo, impõe que nos apropriemos utilizando para isso o nosso engenho e a nossa inteligência dos «frutos» esparsos na natureza. Só lutando com afinco, apoiado no engenho e inteligência será possível ao homem extrair da «ubérrima natureza» os bens aí postos pela «divindade» para seu proveito. Só lutando nesse sentido o homem poderá tornar-se cada vez mais senhor da natureza e deste modo aproximar-se do ponto ómega que parece ser o fim para que está destinado. Se assim não proceder perante o extraordinário surto demográfico, corre o risco, bem sério, de retrogradar e até, talvez mesmo de o fazer de forma trágica. A realidade desta alternativa convém que esteja presente em todas as consciências.

Volvendo ao «caso português actual», especificamente no campo da nossa especialidade, julgamos conveniente lembrar que o «bem da natureza» mais prestimoso pela sua versatilidade em poder transformar-se em tudo que interessa ao homem, desde o alimento à mésinha, desde a comodidade e socorro da própria vida até à multiplicação por números hiperbólicos da sua própria força física, é a energia.

Temos uma metrópole que provavelmente seria forçada a albergar, rapidamente, mais gente que a que actualmente a povoa. Per capita, a energia disponível por cada um de nós é como se sabe bastante inferior à dos outros povos europeus. Parece assim que deva

considerar-se prioritário nas acções, o incrementar a produção de energia.

Certo há várias vias para alcançar este propósito. Quanto a nós porém aquele que contemplaria maior número de interesses «genuinamente portugueses» seria o da incrementação da energia produzida hidroeléctricamente. Primeiramente porque ainda há na meetrópole muitos recursos desta natureza por aproveitar. Seguidamente porque o tipo destas obras são susceptíveis de se realizar praticamente em «circuito económico fechado», isto é, com relativamente pequena saída de divisas. Por último, e em estreita ligação com este segundo ponto, está a circunstância de proporcionar um grande volume de emprego a todos os níveis, desde o de simples trabalhador, passando pelo desenhador, pelo projectista e engenheiro e interessando até o capitalista se for feita uma adequada política de captação da poupança através da criação dum clima de confiança, indiscutivelmente sempre salutar.

Para já e talvez um pouco influenciado pela deformação profissional e os anseios que ela desperta, sinto o apelo que aqui deixo expresso na mensagem do Movimento das Forças Armadas — do passado dia vinte cinco de Abril ■